

Recebido em 23/03/2016 e aprovado em 23/05/2017

**"CAÇADOR" E "BUNDÃO": DUTRA E OS DESENHOS DA IMPRENSA COMUNISTA
(1945-1951)**

**"HUNTER" AND "ASSHOLE": DUTRA AND THE DRAWINGS OF COMMUNIST PRESS
(1945-1951)**

Rodrigo Rodriguez Tavares*

Resumo: A pesquisa investiga a representação do presidente Eurico Gaspar Dutra nas caricaturas e charges publicadas pelos jornais do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no período compreendido pelo fim do Estado Novo em 1945 até o término do governo de Dutra em 1951. A frequência com que os desenhos aparecem e as escolhas feitas pelos artistas que os criaram têm relação direta com as opções ideológicas dos comunistas e têm papel importante na luta política do período. As imagens constroem um outro viés sobre o tradicionalmente chamado processo de "redemocratização" após a ditadura estadonovista (1937 – 1945).

Palavras-chave: Eurico Gaspar Dutra. Partido Comunista Brasileiro. Imprensa.

Abstract: The research investigates the representation of the president Eurico Gaspar Dutra in caricatures and cartoons published in the newspapers of the Brazilian Communist Party (PCB) since 1945 until the Dutra government's end in 1951. The frequency with which the drawings appear and the choices made by the artists who created them are directly related to the ideological options of communists and play an important role in the political struggle of the period. The images build another view about the traditional process called "redemocratization", after the Estado Novo dictatorship (1937-1945).

Keywords: Eurico Gaspar Dutra. Brazilian Communist Party. Press.

Introdução

O irreverente jornalista Apparício Torelli dizia que após os 15 anos de governo de Getúlio Vargas, o Gegê, o Brasil iria ser governado pelo Gagá, Eurico Gaspar Dutra (SOUZA, 1987, p. 65), o ministro da Guerra durante o Estado Novo (1937–1945). Nem o humorista do partido comunista poderia

* Professor adjunto de História da Universidade Federal do Paraná. Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente pesquisa as imagens da imprensa comunista. A pesquisa contou com apoio do CNPq e Capes.

prever que Vargas, depois de passar o "abacaxi" para Dutra, acabaria recebendo-o de volta anos depois, como ironizava um chargista em 1951.

"Espremida" entre quase vinte anos de governo Getúlio Vargas, a presidência de Dutra não tem chamado atenção da historiografia, vista como um interregno dentro do exercício de poder do mais importante político brasileiro do século XX. O governo Dutra parece ser um fato menor frente ao seu longo papel no comando do ministério da Guerra (1936-1945). Seu governo não é foco de trabalho mais sistemático e aprofundado de pesquisa, abordando suas especificidades, ficando restrito às histórias gerais sobre o período, cujos temas principais são os publicados pela imprensa, as ações governamentais mais visíveis, e o processo de redemocratização.

Segundo a cientista política Maria Benevides, esse período "aparece na história oficial e em boa parte da crônica política, 'como o governo da união nacional', da pacificação, da estabilidade econômica e do respeito sagrado à constituição." Todavia, foi um governo de "coalizão partidária [e] [...] de intensa repressão ao movimento operário e à atuação dos comunistas" e um "certo *legalismo autoritário*". Benevides conclui com uma observação ainda atual "não existem [...] análises globais para o governo Dutra". (BENEVIDES, 1981, p.62).

Na sua autobiografia, organizada por seus dois genros, Dutra omite seu governo pois, com a redemocratização e o fim da censura, "pode a opinião nacional acompanhar [...] o desenrolar dos acontecimentos, quer no campo propriamente administrativo – e a administração teve então predominância sobre a política – quer no terreno da evolução e aperfeiçoamento do regime" e conclui "a história do meu governo, já é, assim, do conhecimento público". A ênfase no administrativo, negando a política, era o desejo do presidente que já na campanha classificou o seu programa de governo como "é o próprio Brasil. Tudo o que está feito é nada, em face do que há

para fazer. [...] O programa, pois, é trabalhar." (LEITE; NOVELLI JUNIOR, 1983, p.697).

O anseio do militar em construir uma visão burocrática e apolítica do seu governo é auxiliado pela ausência de uma análise historiográfica sistemática sobre sua presidência. Esse período de pouco apelo para a historiografia foi de intensa mobilização do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que alcançou um crescimento vertiginoso com a redemocratização¹, e posterior declínio abrupto com a cassação do partido e de seus políticos eleitos. A imprensa do partido foi peça importante na disputa de poder e produziu diversas charges e caricaturas sobre o presidente Dutra.

A campanha presidencial e a legalidade (1945-1947)

O candidato Dutra possuía uma falta de traquejo notória. Para o historiador Hélio Silva, ele "não era candidato popular. Nem seu feitio pessoal, embora afável no trato, favorecia a propaganda eleitoral. Não era bom orador." (SILVA, 1984, p.31). A campanha era considerada um fracasso e sua péssima oratória era agravada por um problema de "dicção e língua meio presa que o fazia trocar o 's' e o 'c' pelo 'x'" (NETO, 2014, p. 28). Para o militante comunista e historiador, Leoncio Basbaum, a campanha era "um pouco fria, [...] feita quase exclusivamente através das estações de rádio, pois sendo [...] um tímido diante do público, e além do mais, péssimo orador e pouco tendo a dizer, quanto menos falasse, melhor" (BASBAUM, 1981, p. 173). Como observou o jornalista Joel Silveira, Dutra era conhecido pelo seu "anticomunismo ortodoxo e bilioso", que fazia parte do seu "metabolismo" (SILVEIRA, 2004, p. 60), e pelo seu jeito pessoal, "sempre carrancudo e calado" (SILVEIRA, 2004, p. 113). Dutra, "feio como a necessidade" (CHAGAS,

¹ Pedro Pomar (2002, p. 19) questiona o termo redemocratização pois "a rigor, havia quase nenhuma liberdade democrática na República Velha e mesmo nos primeiros anos da década de trinta" e ao examinar o governo Dutra "o observador encontrará fortes restrições às liberdades e garantias individuais vistas como atributos da democracia liberal".

2001, p. 525), era chamado nos bares e cafés cariocas de grão de bico "em alusão a sua proverbial feiura física (NETO, 2014, p. 95). O principal rival de Dutra era justamente o brigadeiro Eduardo Gomes, que tinha como lema de campanha "Vote no brigadeiro, ele é bonito e é solteiro", apelando ao público feminino.

Ademais, como ministro da Guerra do Estado Novo e simpatizante das potências do eixo, o passado também deveria pesar contra o candidato. Não faltaram aspectos a serem abordados pelos chargistas do partido, já durante a campanha, contra o candidato. Todavia, entre 1945 e a ilegalidade em 1947, não foram localizados desenhos contra Dutra. Essa ausência é significativa, embora seja improvável que ele não tenha sido satirizado pelos desenhistas do Partido Comunista, especialmente se levar em conta que nesse período o partido teve total liberdade de ação e possuía uma abrangente imprensa. O programa do partido e as relações estabelecidas entre Dutra e o PCB contextualizam essa postura.

Durante a campanha, Prestes procura saber a postura do candidato frente ao PCB. Dutra reconhece o papel da Rússia "no exaustivo esforço aliado [na II Guerra Mundial]" tornando-se uma "das mais prestigiosas potencias aliadas" e afirma ser "desejável" o restabelecimento das relações diplomáticas (LEITE; NOVELLI JUNIOR, 1983) entre os países. Caracterizando Prestes como "respeitador, compreensivo e patriota" destaca que o mesmo defende as "ideias de ordem e de disciplina às normas vigentes, a fim de que as liberdades democráticas possam ser aqui restauradas na sua plenitude", sendo a "palavra de ordem de seus partidários ... [o] acatamento à autoridade constituída, para a preservação da tranquilidade nacional". Dentro desse contexto, a posição de Dutra frente ao comunismo "é a única que julgo lícita [...]: reconheço-lhe o direito da existência legal. Que se organize, que viva como qualquer outro Partido, disputando eleitoralmente a sua supremacia", mas ressalta que defende esse ponto de

vista pois os comunistas assumem a postura de "renúncia aos processos violentos e de acatamento às autoridades constituídas".

Prestes sondava o candidato mapeando qual o cenário o PCB enfrentaria num eventual governo seu, já que o partido, ao não lançar a candidatura de Prestes, abandonava qualquer possibilidade de conquistar o poder. Os dois favoritos, Dutra e Eduardo Gomes, para o militante comunista Gregório Bezerra, eram "instrumentos da classe dominante e sem diferenciação um do outro" (BEZERRA, 1980, p. 316). Já para Prestes, embora ambos fossem "visceralmente anticomunistas", Dutra havia se comprometido com a legalidade do PCB (VIANA; MORAES, 1982, p.111)².

De qualquer maneira, os contatos com Dutra durante a campanha e a estratégia do partido de manter a sua ação dentro dos marcos legais estabelecidos, fez com que o partido, durante as eleições e no início do seu governo, não tivesse uma postura de confronto. A política de união nacional e de atuação dentro da ordem e da legalidade está presente no discurso de Prestes na Assembleia Constituinte publicado no *Tribuna Popular* de 6 de fevereiro de 1946:

Sabemos quanto o general [...] se comprometeu com o golpe de 10 de novembro e com o estado novo, mas olhamos [ele...] como um brasileiro em cujo coração deve existir patriotismo e que, se quiser governar o nosso povo, deve compreender que necessita do apoio [...] da parte mais esclarecida do povo e da parte do proletariado que já está nas fileiras do partido comunista. Nós não lhe regateamos aplausos, não regateamos apoio a esse governo para resolver somente os graves problemas desta hora.

Leôncio Basbaum tem uma visão crítica sobre a sinceridade do tema da *união nacional*, pois pelos discursos de Prestes no Senado, pode-se

² Embora enquanto estava na cadeia, e em conversa com Carlos Drummond de Andrade, Prestes teria falado que "Não nos iludamos, Dutra seria ainda pior que Getúlio, como Getúlio foi pior que Bernardes, se bem que sejam outras circunstâncias". (ANDRADE, 1985, p.34). Prestes escreve carta ao poeta negando esta fala.

perceber que o lema "não era a união com o PCB, mas dentro do PCB". Segundo Basbaum, Prestes dava aula de "marxismo e leninismo no senado para os representantes da burguesia, que não tinham interesse no assunto". Prestes apresentava uma "forma sectária" de resolver os problemas e os comunistas eram "donos exclusivos da verdade", o que "isolou o Partido das forças burguesas progressistas, que apresentavam todavia condições para aderir a uma luta política e econômica em aliança com o PCB". Para Basbaum, 1946 representa "a única, a grande oportunidade perdida pelo partido" já que "uma *união nacional nessa base. Teria mudado completamente a nossa evolução histórica*". (BASBAUM, 1981, p. 186).

A Constituição e a ilegalidade

Em uma análise simpática ao "grande brasileiro de Cuiabá", Osvaldo Vale afirma que Dutra estava compromissado com o restabelecimento pleno da democracia e com a promulgação da Constituição de 1946. Vale classifica o presidente como "o mais constitucionalista de todos, por nutrir quase uma obsessão respeitosa pela carta magna, que chamava astuciosamente de 'livrinho', escondendo, nessa simplicidade de conceito, um alcance profundo, a existência 'das pequenas grandes coisas'" (VALE, 1978, p.171). Dutra levava sempre no bolso seu exemplar em miniatura da constituição.

O livrinho não evitou a escalada de intolerância que redundou na cassação do registro do partido em 1947 e dos mandatos dos deputados em 1948.³ Além do contexto internacional de Guerra Fria, a ascensão autoritária teve conotações específicas, como as críticas feitas pelo jornal russo *Gazeta Literária* aos militares brasileiro e a prisão de um diplomata brasileiro em Moscou por embriaguez. (SILVA, 1984). Também Prestes contribuiu para o

³ A repressão ameaçou a própria produção de charges e caricaturas nos jornais com a votação do projeto de lei de defesa do estado, que encontrou franca oposição dos desenhistas. (LIMA, 1963, p 1401).

acirramento do ânimos ao dar uma resposta confusa sobre que medida tomaria caso o Brasil e União Soviética entrassem em guerra.

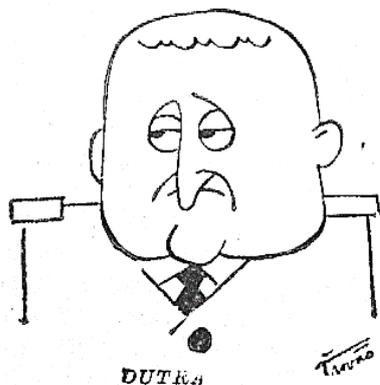
Segundo Leôncio Basbaum (1981, p. 180-181), sob esta constituição democrática, "foram praticados... alguns atos dos mais reacionários e antidemocráticos: cidadãos foram presos e espancados e tiroteados em praça pública, jornais foram fechados, o PCB tornado ilegal, e cassados os mandatos de deputados legalmente eleitos".

Carlos Lacerda (1978, p. 81) é quem melhor nota o aspecto da constituição pois por ela "– e isso já havia sido posto de propósito – eram proibidos os partidos de filiação internacional" e assim "o tribunal superior eleitoral, [...] rigorosamente dentro da lei, [...] cumprindo a constituição, proibiu a existência do partido comunista como um partido de caráter internacional." E completa: Dutra "ficou satisfeitíssimo" e talvez "não estivesse ausente do acontecimento".

Podemos concluir ironicamente, como o jornalista Carlos Chagas (2001, p. 341), que "a administração Dutra foi politicamente correta, na medida em que tudo se fez dentro da lei, até as arbitrariedades". Entre essas "arbitrariedades legais" está também a repressão ao movimento sindical baseada na lei nº 9070.

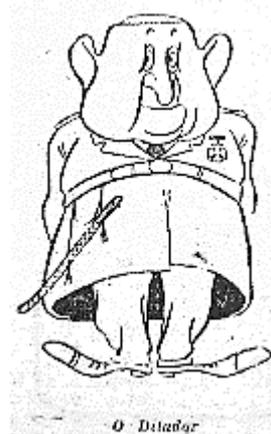
Com a ilegalidade, relembra o militante Gregório de Bezerra (1980, p. 403), "o partido já não pensava mais em estender a mão ao governo em nome da união nacional" e lança a palavra de ordem "renuncie general", que "caiu no vazio, nasceu morta", pois "se não tínhamos tido força para evitar todos esses golpes reacionários [...] menos força teríamos para exigir a renúncia do general". Leôncio Basbaum (1981, p.191-192) afirma que esta palavra de ordem "foi talvez a mais infeliz e mais absurda" e ironiza "como exigir o máximo, quem não pode sequer ter o mínimo? Como pode um homem brigar se não tem forças sequer para segurar as calças?". O novo contexto fez com que a imprensa comunista publicasse um vasto conjunto de desenhos sobre Dutra.

Figura 1



Fonte: *Hoje*, São Paulo, 16 maio 1947.

Figura 2



Fonte: *Hoje*, São Paulo, 30 jun. 1947.

A palavra de ordem Renuncie General era acompanhada do rosto de Dutra no jornal *Hoje* de 1, 5, 9, 13, 19 de julho de 1947. Trovão publicou no *Hoje* de 16 de maio de 1947 um Dutra militar, o que é bastante comum, talvez com a intenção de ligá-lo a um golpe numa hipotética escalada reacionária após o fechamento do PCB, além de lembrar o período como ministro da guerra do Estado Novo. A simbologia é importante, Dutra solicitou transferência para a reserva ao ser diplomado pela justiça eleitoral pois "desejava ir para a presidência com propósito de fazer um governo civil" (LEITE; NOVELLI JUNIOR, 1983, p.753). No desenho de Trovão a rigidez do militar se reforça pelos ombros quadrados.

O jornal *Hoje* de 30 de julho de 1947 publica imagem com a legenda "o ditador", descaracterizando-o como presidente eleito e assombrando com a volta da ditadura após a euforia recente com a democratização. Os olhos virados para o lado demonstrariam a dissimulação do presidente. A forma como o corpo é desenhado ridiculariza a figura: tomando o cinto como referência para a cintura, vemos que, na verdade, a barriga começa logo abaixo do queixo, ressaltando a parte inferior do corpo, tornando praticamente inexistente os músculos do peito. Embora vestido como militar, o porte físico não condiz com essa posição.

Significativo é um detalhe colocado no uniforme, a cruz de ferro, uma das condecorações do regime nazista. Durante a campanha eleitoral, *O Correio da Manhã* publicou em primeira página uma imagem de 1940 de Dutra recebendo uma condecoração em forma de suástica do embaixador alemão no Brasil (NETO, 2014, p.46), sendo notória a sua simpatia pelos países do eixo. Ainda que disponível desde a campanha, o fato é ignorado antes da ilegalidade. No desenho, Dutra deixa de ter ligações com o Brasil para tê-las com a ideologia que a Frente Expedicionária Brasileira havia dado a vida para combater, retomando a oposição FEB/Dutra pois ele era "tido pela maioria da oficialidade expedicionária como contrário à ida da FEB a Itália". (SILVEIRA, 1967, p.16).

Caçador, Coruja e Bundão

O presidente Dutra também foi desenhado como caçador, já que havia cassado o registro do PCB e lutava para fazer o mesmo com os mandatos políticos dos comunistas.

A imagem aparece nos jornais *A Classe Operária* de 4 e 11 de outubro de 1947, 18 de novembro de 1947, 7 de dezembro de 1947 e no *Voz Operária* de 27 de maio de 1950 e 12 de agosto de 1950. Nessa caracterização, ele é comparado a um caçador colonial em um safári, o que também fazia referência ao recrudescimento da repressão.

Embora os comunistas estivessem na ilegalidade a partir de maio de 1947 e denunciassem a perspectiva da ditadura de Dutra, o crescimento partidário no período 1945-1947 deu ensejo para que a legenda acreditasse na reação popular capaz de fazer frente à ofensiva desencadeada pelas forças da reação.

Figura 3



Fonte: *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1947.

A Classe Operária de 31 de maio de 1947 exibe uma charge em que Dutra caminha *ladeira abaixo* após um conjunto de medidas contra o movimento popular. Essa construção do terreno inclinado, como ressaltou o historiador Alberto Gawryszewsky (2004), ironiza o plano de desenvolvimento econômico de Dutra, o SALTE (Saúde, Alimentação, Transporte e Energia), mostrando que o *pulo* era para o abismo. Ele e seu grupo literalmente vão se *enforcando* com a situação, já que o "pau vai cantar", a população vai reagir. Na mesma linha foi publicado um desenho no *A Classe Operária* de 2 de agosto de 1947. Neste, o povo aparece representado pelo rosto de diversas pessoas segurando uma faixa defendendo a constituição, enquanto grandes pedregulhos caem em cima de Dutra e dos sábios do Partido Social Democrático. O PCB esperava forte reação popular contra a cassação, fazendo com que "chovesse pedras" contra o governo.

Figura 4



Fonte: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 31 maio 1947

A Classe Operária de 16 de dezembro de 1947 exibe um rolo compressor guiado pelo "povo brasileiro" caminhando para cima de Dutra e apaniguados, que carregam símbolos da suástica e do sigma integralista.⁴ Plínio Salgado e seu Partido da Representação Popular haviam apoiado Dutra em 1945, mas é só aqui que esse conjunto de símbolos vem à tona. Todavia, Dutra acabou por prevalecer: o partido perdeu, além do registro, os mandatos de seus políticos. O recrudescimento contra o partido, na visão do PCB, era de inteira responsabilidade de Dutra, tendo em vista que ele comandaria por detrás do pano o Tribunal Superior Eleitoral.

O desenho do *A Classe Operária* de 7 de janeiro de 1948 deixa isso claro ao mostrar as ordens de Dutra desequilibrando a balança e fazendo com que a Justiça veja apenas um dos lados da disputa.⁵

Essas confabulações "por debaixo do pano", para influenciar a Justiça, também contribuíram para a construção da imagem de Dutra como coruja.

⁴ Esse desenho também foi publicado em 7 de janeiro de 1948, no mesmo jornal.

⁵ A imprensa comunista publica um "fato estranho e inexplicado", cópia de um memorando em que membro da comissão militar mista Brasil e EUA diz antes do julgamento que o "governo tomaria uma importante decisão política", o que provaria que os EUA sabiam antes da expulsão do PCB (SILVA, 1984, p. 88-89).

Figura 5



Fonte: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 4 out. 1947.

Essa ave de rapina tem como característica agir à noite, na escuridão, e era nesse sentido que o partido explorava essa figura, ressaltando os projetos políticos antidemocráticos e as várias negociatas econômicas, já que um dos sentidos associados ao animal é o de ladrão (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003). Dutra aparece como coruja em 4 de outubro de 1947, 1º. de novembro de 1947 e 18 de novembro de 1947, todos no *A Classe Operária*. Também no *A Classe Operária* de 16 de agosto de 1947 aparece um grupo de políticos dando as cartas na escuridão, a ideia da ação nas sombras, cada um com uma carta nefasta (Lei de Segurança, Conspiração e Terceira Guerra), enquanto um operário ilumina a cena.

Figura 6



Fonte: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 16 ago. 1947.

Figura 7

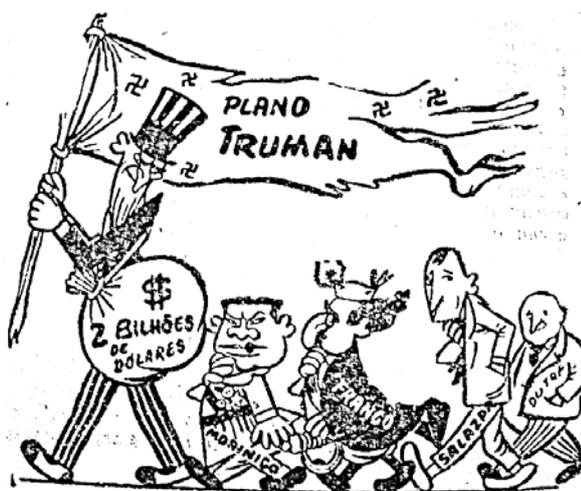


Fonte: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 15 fev.1948.

A caricatura mais famosa de Dutra foi feita por Agostinho Rodrigues. Desenho associado de tal maneira ao presidente que possivelmente ao olhar o político, muitos pensavam na caricatura. Na imagem, Dutra, em trajes civis, é ridicularizado a partir de outro aspecto cômico: o rosto do presidente é desenhado como nádegas. A simbologia é complexa, por um lado o rosto é o que, em princípio, individualiza e caracteriza uma pessoa e, portanto, colocar uma bunda no seu rosto é caracterizá-lo como "bundão", na gíria popular, um covarde. Essa representação é recorrente, localizamos o primeiro em 15 de fevereiro de 1948 do *A Classe Operária*.

Para abordar essa questão da covardia, deve-se levar em conta que reiteradamente Dutra é apresentado como submisso aos interesses norte-americanos. No *Hoje* de 23 de maio de 1947 aparece a recorrente imagem de marionete, com Dutra sendo manipulado por Truman, com mão animalizada e unhas como garras. Tal representação reaparece no mesmo jornal em 17 de maio de 1947.

Figura 8



Fonte: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 17 maio 1947.

No *A Classe Operária* de 17 de maio de 1947, é desenhado como seguidor dos planos de Truman, que levanta, sob a fachada da ajuda

financeira, a bandeira do nazismo, já desgastada. Dutra é o último da fila de presidentes/ditadores, o que o coloca não só alinhado com esses políticos, mas também mostra o papel subalterno em relação aos outros.

Assim, a ideia da submissão de Dutra levaria a de covardia fazendo com que fosse caracterizado como um "bundão". A submissão aos EUA era algo comum também nas representações dos presidentes subsequentes, mas aqui ganha uma conotação especial, pois foi sob seu governo que começou a Guerra Fria, que foi cassado o registro do PCB e ele foi o primeiro presidente brasileiro a visitar os EUA, em 1949. (SILVA, 1984, p.137).

Nessa construção de sentidos, o "bundão" estava relacionado com o fato de ele cumprir ordens vindas de fora, sem reagir à ideia de caçar o partido. Assim, Dutra vira um traidor da pátria. Desenhar o presidente com "cara de bunda" também remete a ideia de surpresa com uma situação que foge ao controle, retratado como alguém que não sabe como reagir, omissos e surpreso.

O desenho de Agostinho Rodrigues também remete a uma das características mais marcantes de Dutra, a capacidade de cometer gafes. Uma das mais famosas, teria ocorrido durante a visita do presidente americano Harry Truman em 1947. Sem falar inglês, Dutra deveria repetir o que o americano dissesse e após um "How do you do, Dutra?" (Como vai você, Dutra?), a resposta teria sido: "How tru you tru, Truman?". Ao ter a cara desenhada como nádegas, a boca do presidente seria o ânus, o que liga a fala ao ato de defecar, de "falar merda", bobagem, na expressão popular. Assim, o desenho ridiculariza o presidente em várias frentes.

Figura 9



Fonte: *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 4 out. 1947.

Esse Dutra "bundão", como boa parte dos presidentes brasileiros, é visto pelo PCB como submisso, mero brinquedo na mão dos interesses norte-americanos, instrumento de seus desígnios no país e no mundo, parte de um plano norte americano de utilizar serviçais para reprimir as demandas dos povos. Dessa maneira, são representativos os desenhos usando recursos visuais como fantoche, sombras etc. A coincidência de interesses aproximou visualmente Dutra e Truman, que possuem traços em comum ressaltados pelos caricaturistas: as bochechas caindo ao redor da boca e o formato da cabeça e das orelhas. *A Classe Operária* de 4 de outubro de 1947 ressalta isso inclusive na roupa. Nesse caso, a igualdade também ocorre com os outros personagens representados que ficam na mesma posição para dar a impressão de correspondência. Dutra aparece como traidor dos desejos do povo brasileiro a ponto de figurar como norte-americano no *A Classe Operária* de 18 de novembro de 1947.

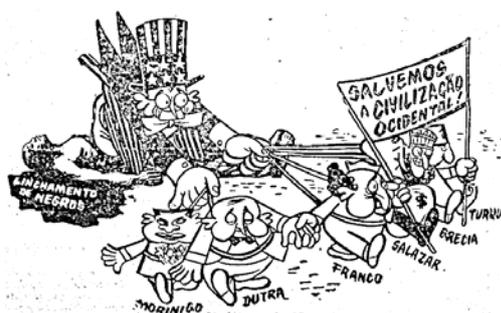
Como funcionário dos americanos ele aparece em 21 de junho de 1947 no *A Classe Operária*. No desenho Dutra pinta "a redenção do vale do São Francisco", escondendo a situação do camponês sem-terra e a exploração do petróleo pelo imperialismo ianque. O presidente ainda aparece com uma cruz de ferro nazista. Já no *A Classe Operária* de 21 de junho de 1947 surge de mãos dadas com diversos ditadores que são a tropa

de frente da "civilização ocidental", mas estão sob a coleira de Truman, assentado no linchamento de negros. Esses presidentes são pequenos bonecos do domínio norte-americano. Em dois desenhos publicados no *A Classe Operária*, em 4 de outubro de 1947 e em 1º. de novembro de 1947, se transforma numa clava com espinhos para agredir o povo brasileiro, mostrando submissão já que a ação é feita por Truman. A clava também denunciava a violência contra o partido e os trabalhadores, além de remeter à ideia de decadência e atraso dos inimigos do PCB, já que essa arma era utilizada pelo "homem das cavernas".

Figura 10



Figura 11



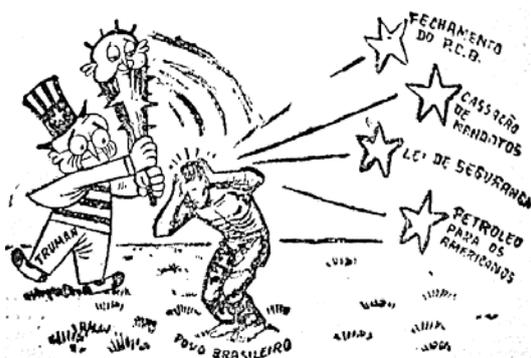
Fonte: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 21 jun. 1947. Fonte *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 21 jun. 1947.

Como Dutra era um joguete na mão do imperialismo americano e participava do avanço global da reação, os povos reagiam a essas tentativas. Uma das demonstrações dessa vontade popular aparece em dois desenhos, ambos publicados no *Voz Operária*, em 20 de janeiro de 1951 e 3 de fevereiro de 1951, em que mãos gigantes carregando bandeiras da Paz encurralam minúsculos Dutra e Truman. Um desenho publicado no *Gazeta Sindical* de 1 de junho de 1950 mostra uma fila de pessoas assinando o apelo de Estocolmo contra armas atômicas com as penas de uma águia americana postada em cima da bomba atômica.

TAVARES, Rodrigo Rodriguez. "Caçador" e "bundão": Dutra e os desenhos da imprensa comunista (1945-1951). *Dominios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 311-333, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

Figura 12- Povo Brasileiro



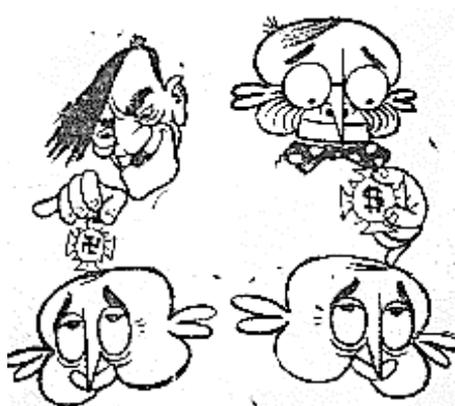
Fonte: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 4 out. 1947.
jul. 1950.

Figura 13- Apelo de Apelo de Estocolmo



Fonte: *Gazeta Sindical*. Rio de Janeiro, 1

Figura 14



Fonte: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 14 maio 1949.

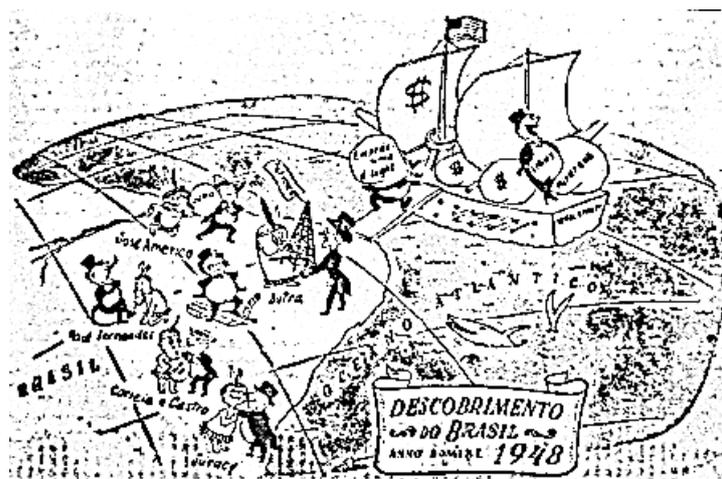
Nesse começo de Guerra Fria há, então, o realinhamento de Dutra nazista, para o lado americano. Em 14 de maio de 1949, no *A Classe Operária*, o partido compara desenhos de 1939 e 1949 e em ambos a "cabeça oca" de Dutra é preenchida: a primeira pela cruz nazista recebida de Hitler e a segunda com um cifrão recebida de Truman. Continua obediente, mas a diferentes senhores.

Recursos naturais

O interesse do imperialismo americano na geopolítica do petróleo coloca o Brasil nesse complexo jogo de interesses. O consumo de petróleo no país crescia aceleradamente com a industrialização/urbanização e a importância do produto na Segunda Guerra Mundial evidenciou sua relevância estratégica

Dutra cria uma comissão para estudar o assunto, e o anteprojeto do Estatuto do Petróleo chega ao Congresso em 1948. Esse documento permitia a participação de capital estrangeiro na exploração do petróleo nacional. Outra importante iniciativa que também chamou atenção dos comunistas para a exploração econômica do país foi a criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica com o intuito de fazer um levantamento completo das características da região. Esses dois temas, Amazônia e petróleo, ganharam destaque na imprensa.

Figura 15



Fonte: *A Classe Operária*. Rio de Janeiro, 10 jul.1948.

A Classe Operária de 10 de julho de 1948 publica um desenho no qual vemos Dutra e outros políticos vestidos de índio no novo "Descobrimiento do

Brasil". A recriação humorística do "descobrimento" desenha a atuação dos políticos brasileiros com os americanos, praticamente, como um escambo já que os representantes nacionais entregam a riqueza do país para *Wall Street*. A forma como se estabelece a relação econômica com os EUA, comandada pelos políticos, faz com que tenhamos com os americanos não uma troca comercial, ainda que assimétrica, mas uma relação sem valor monetário. O desenho vai além, já que não há troca alguma, as riquezas nacionais são "entregues" graças à "inocência brasileira" (dos políticos).

O ano escolhido pelo partido para encenar esse (novo) descobrimento também é importante, 1948, um ano após o começo da Guerra Fria e no contexto da discussão do Estatuto do Petróleo e dos estudos sobre a Amazônia, como destacamos. Interessante notar que nossas riquezas são entregues pelos políticos, os "entreguistas", que abrangem todos os quadrantes do território nacional, todas as oligarquias. O neologismo "entreguista", importante no debate político desse período, diz respeito a "política ou mentalidade que consiste em *entregar* (grifo no original) à exploração estrangeira os recursos naturais do país, como o petróleo, os minerais atômicos"⁶.

Para destacar a exploração por interesses de fora do país, o desenhista utiliza o recurso conhecido de enfatizar o lado leste, o litoral, extenso, vulnerável e suscetível ao escambo. Ademais, ao focalizar esse lado, o desenho também faz referência ao tratado de Tordesilhas e à metade do Brasil que cabia à coroa portuguesa, enquanto, em 1948, a metrópole eram os Estados Unidos. As riquezas estão sendo levadas para uma caravela "portuguesa", porém adaptada aos desígnios de guerra dos novos senhores do mundo; vemos os canhões apontando para várias direções e o navio cheio de dinheiro, minérios e o petróleo. Os sacos

⁶ A própria definição dada à palavra mostra como estava permeada pelo contexto da época, marcando o petróleo e os minérios atômicos como aqueles produtos a serem entregues. (GARCÍA, 1980).

contendo dinheiro são o resultado da exploração do imperialismo sobre o Brasil.

Esse escambo era uma agressão a pátria e servia ao enriquecimento dos norte-americanos e o movimento de sua máquina de guerra, não por acaso o navio do desenho engloba os dois aspectos. A iconografia comunista buscava, então, denunciar a situação para o povo brasileiro, que, unido, deveria parar essa engrenagem. Na tentativa de alertar os leitores, o partido mostrava que o saque às riquezas nacionais continuava de maneira ininterrupta desde o período colonial, só mudando o destinatário dessa exploração. Nessa perspectiva, o Brasil ainda era uma colônia, precisava fazer a independência econômica.

Todavia, os problemas mais imediatos da população brasileira, como a carestia, importante no governo Dutra, não eram imputados ao presidente nas charges. David Nasser, importante jornalista do período, publica uma série de reportagens entre maio e setembro de 1947 no *O Cruzeiro*, posteriormente publicado no livro *Para Dutra ler na cama*. Nasser, que tinha apoiado o Brigadeiro Eduardo Gomes, vai da oposição a "adesão rápida e entusiasmada ao novo governo" (CARVALHO, 2001, p.149). As reportagens mostram os problemas brasileiros, mas de uma maneira que o jornalista Joel Silveira classificava como "oposição a favor" (CARVALHO, 2001, p.189-190). Nasser afirmava que "A tragédia vivida atualmente pelo Brasil não tem paralelo em sua história. Nunca, desde os tempos mais distantes, o abastecimento das cidades foi tão difícil e irregular, nunca houve tanta falta de gêneros essenciais, nunca se comeu tão pouco" (NASSER, 1997, p. 41)⁷. A crise de abastecimento e a carestia são temas importantes e o *Cruzeiro* e o próprio jornalista David Nasser eram muito populares. O PCB já havia criado, inclusive, um conjunto de reportagens "Falta alguém em Nuremberg", baseado em uma série de reportagens de mesmo nome produzidas por

⁷ Para uma análise sobre o assunto, utilizando como fonte as charges. (GAWRYSZEWSKI, 2002, p. 41-84).

Nasser. O tema da carestia, fundamental para a população, é ignorado pelos desenhistas: o foco está nas questões políticas de interesse do PCB.

Figura 16



Fonte: *Fundamentos*, 1 jul. 1950.

Por fim, tamanho servilismo aos americanos, violência contra o povo brasileiro e o PCB, negociatas e desrespeito à constituição acabaram por fazer o partido acreditar na possibilidade de um golpe de estado. Na revista *Fundamentos* de junho de 1950, um gorila armado, símbolo da direita militar golpista, bate à porta do Brasil indicando um golpe. Porém, o animal não precisa usar a violência porque o Tio Sam dá a chave. O personagem Dutra está ausente desta charge, uma das últimas publicadas no período de estudo e, após terminar o governo, o ex-presidente some do noticiário, mantendo um silêncio de 13 anos. Ostracismo interrompido com um pronunciamento às vésperas do golpe de 1964 (SILVA, 1984, p.136), quando, efetivamente, os "gorilas" bateram à porta do país. (MOTTA, 2007).

A expectativa do presidente Dutra era passar à história como um presidente apolítico, defensor da constituição e empenhado no trabalho

pelo país. Todavia, o seu governo foi de intensa disputa política e um dos atores principais foi o PCB. Os desenhos publicados pela imprensa comunista são um contraponto importante a uma visão mais geral e superficial do presidente Dutra, uma visão originalmente proposta pelo seu discurso, mas não suficientemente criticada pela historiografia posterior. Dentro dos seus interesses programáticos no contexto da guerra fria, os desenhistas do partido comunista ignoraram Dutra por um período para, depois, atacarem com muita frequência o presidente "bundão" e "caçador". As representações visuais produzidas pelo partido sobre Dutra passam ao largo das questões do cotidiano da população trabalhadora, como moradia, transporte, salário carestia etc, para enfatizar aqueles temas candentes da política da guerra fria.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República: de 1930 a 1960*. 4. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1981.

BENEVIDES, Maria Victoria. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BEZERRA, Gregório. *Memórias (Segunda Parte:1946-1969)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 316.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque: 1808-1964:a história contada por jornais e jornalistas*. Rio de Janeiro: Record, 2001. v. 2.

CORUJA. In: CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 293.

GARCÍA, H. Entreguista. In: AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

TAVARES, Rodrigo Rodriguez. "Caçador" e "bundão": Dutra e os desenhos da imprensa comunista (1945-1951). *Dominios da imagem*, v. 11, n. 20, p. 311-333, jan./jun. 2017.

ISSN 2237-9126

GAWRYSZEWSKY, Alberto. *Os traços na imprensa comunista carioca*. (versão modificada do trabalho de Pós-doutorado em História Social da Universidade Federal Fluminense) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LEITE, Mauro; NOVELLI, Junior. *Marechal Eurico Gaspar Dutra: o dever da verdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1963.

MOTTA, Rodrigo. A figura caricatural do gorila nos discursos da esquerda. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 195-212, 2007.

NASSER, David. *Para Dutra ler na cama*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1997.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. *Panela vazia: o cotidiano carioca e o fornecimento de gêneros alimentícios 1945/1950*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2002.

NETO, Lira. *Getúlio (1945-1954) - da volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

POMAR, Pedro. *A democracia intolerante: Dutra, Adhemar e a repressão ao Partido Comunista (1946-1950)*. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002.

SILVA, Hélio. *Eurico Gaspar Dutra: a espada sob a lei (1946-1951)*. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1984.

SILVA, Hélio. *João Goulart: golpe e contragolpe (1961-1964)*. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1984.

SILVEIRA, Joel. *A feijoada que derrubou o governo: a política brasileira observada com o estilo e ironia de uma víbora da reportagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVEIRA, Joel. *Meninos, eu vi*. Rio de Janeiro: Tribuna da Imprensa, 1967.

SOUZA, Afonso. *Máximas e mínimas do Barão de Itararé*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

VALE, Osvaldo Trigueiro. *O General Dutra e a redemocratização de 45*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

VIANA, Francisco; MORAES, Dênis. *Prestes: lutas e autocríticas*. Petrópolis: Vozes, 1982.